

Falta de espaços culturais gera crise

■ Com salas fechadas e obras inacabadas, cidade não atende demanda por espetáculos

Luiz Marcos

ELIANA LUCENA

A cidade está vivendo um grande caos na área de shows e espetáculos, com espaços fechados, como o ginásio Nilson Nelson e outros com agendas superlotadas, como a Sala Villa Lobos, o que vem tirando o sono dos produtores que disputam o teatro para trazer para Brasília shows e peças de sucesso em outros estados. A situação é crítica para grandes shows, como o do cantor baiano Netinho, realizado no Iate no último sábado de fevereiro: depois de vender todos os ingressos - a lotação máxima era de 4 mil pessoas - a produtora de eventos, Agora, Eles, ainda teve que administrar a tensão do público insatisfeito que ficou de fora. "Se o espaço fosse maior teríamos vendido pelo menos o dobro dos ingressos", afirma o publicitário Fernando Artigas.

A Fundação Cultural concorda com as queixas, e reconhece que Brasília conta hoje com um público maior do que comportam as casas de shows e os espaços mantidos pelo governo. Por outro lado, os locais disponíveis não são suficientes para atender a lista dos pretendentes a shows. Por isso, na disputa por uma temporada na Villa Lobos são utilizados critérios que envolvem desde o ineditismo do espetáculo a contemporaneidade e qualidade artística.

"Para março tínhamos solicitado para a mesma data o show da Marina e o espetáculo *Nas Raias da Loucura*, conta a diretora substituta de Promoções da Fundação, Janete Dornellas. Ela explica que a opção acabou recaindo sobre o segundo em função do ineditismo. Marina virá em outra época, ainda este ano. A expectativa em torno da escolha dos eventos, leva os produtores a esperarem tensos, a cada mês, a escolha dos espetáculos.

"Estamos vivendo um momento



O show de Netinho, mês passado no Iate, foi visto por 4 mil pessoas, mas muita gente ficou do lado de fora

difícil, depois de uma grande luta que começou a ter bons resultados em meados de 1980, com o boom das bandas de rock que nasceram na cidade, como a Capital Inicial, Legião Urbana e Paralamas do Sucesso," constata Fernando Artigas. Na década de 70, com a cidade identificada com o regime militar, ele afirma que os artistas não queriam se apresentar em Brasília. Aos poucos, a resistência foi sendo quebrada e hoje, segundo os produtores, ao invés de ocupar o sexto posto, a cidade já poderia ser o terceiro mercado do país, caso oferecesse infraestrutura para receber espetáculos dos mais variados tipos.

Público é o que não falta, afirmam os donos de empresas que atuam na área cultural. "Antes da interdição do ginásio Nilson Nelson chegamos a levar um público de até 30 mil pessoas a grandes

shows como o de Lulu Santos e Milton Nascimento", afirma Valdemar Cunha, da Art Way. O ginásio está fechado há quatro anos, o teto que desabou já foi reconstruído, mas as obras de acabamento estão suspensas por falta de recursos do GDF, que concentrou o orçamento de 94 nas obras do Metrô.

"Mesmo ainda sem as cadeiras e detalhes de infraestrutura, se o governo concordasse em colocar energia elétrica, os promotores poderiam usar o local", sugere Cunha, ao constatar que com os espaços disponíveis na cidade, fica difícil trazer grandes shows para Brasília. "É preciso ter coragem para bancar grandes eventos em espaços improvisados", afirma. E explica estes problemas levaram sua empresa a investir mais em teatro na Sala Villa Lobos.

Ao reivindicarem espaços maiores, alguns produtores sustentam que os ingressos para os shows poderiam ficar mais baratos. "Brasília não está na rota da sequência de turnês, que barateam os custos," afirma Fernando Artigas. E ressalta que os impostos são muito altos: só de ISS se paga 10% sobre a renda bruta dos shows. Artigas defende, ainda, para estimular a vida cultural na cidade a reformulação da Fundação Cultural. "O órgão precisa ter mais agilidade", afirma.

Os dirigentes da Fundação reconhecem os problemas, mas acham que reversão do quadro verificado hoje passa, também, pelo apoio da iniciativa privada. Janete Dornellas diz que Brasília já poderia contar com uma casa, como o Canecão, no Rio de Janeiro.